

Artistas primitivos: os brasileiros na Copa de 38 segundo os jornais franceses

Arlei Sander Damo*

Resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada junto aos periódicos parisienses acerca da participação dos brasileiros na Copa de 1938. O selecionado brasileiro, único representante da América do Sul, despertou o interesse dos jornalistas e do público, tanto pela campanha que o levou às semi-finais quanto pelo estilo de jogar. O predicado de “arte/artístico”, atribuído ao estilo brasileiro, é no entanto ambivalente, por vezes tido como sinônimo de atraso em relação à forma de jogar e, por extensão, de pensar, dos europeus.

Palavras-chaves: copa do mundo, futebol, identidade brasileira

1. Da etnografia à história social

A partir de um artigo de José Sérgio Leite Lopes que, na origem, fora uma palestra proferida na França, às vésperas da Copa de 1998, tomei contato com alguns escritos que me impressionaram pelo manifesto viés racista. Um deles, em particular, atribuído ao jornalista Gabriel Hanot, e publicado após a derrota do Brasil para a Itália em 1938, afirmava mais ou menos o seguinte: os brasileiros, por serem mestiços de sangue negro, eram naturalmente inclinados ao futebol, demonstrando qualidades excepcionais; pena que o futebol fosse um jogo coletivo, demandando disposições cerebrais. Os periódicos de maior tiragem não permitiriam, por certo, que seus cronistas se manifestassem na atualidade nos termos de Hanot, mais isto não impede que circulem opiniões preconceituosas acerca dos futebolistas afro-descendentes que atuam na Europa, brasileiros inclusos.

A presença significativa de afro-descendentes nos centros de formação francesa que tive acesso, somada às informações bibliográficas, apontam para a existência de uma migração de jovens talentos da periferia para o centro do futebol de espetáculo, com as imagens do espetáculo que eles produzem migrando no sentido inverso. Qualquer sujeito minimamente informado sabe que há uma oferta abundante de talentos nos países sub-desenvolvidos, e de que as legislações desses países são omissas no que concerne à regulamentação do recrutamento, seleção e formação desses meninos, o contrário do que se passa na Europa (DAMO, 2005: 192-2002). O paradoxo advém do fato de que, apesar do racismo, manifesto com maior ou menor intensidade em quase todos os países europeus, os clubes locais continuam recrutando atletas de cor. Saber se eles são ou não providos de inteligência é uma questão despropositada, por razões óbvias. Mas o fato de que os afro-descendentes são

* Doutor em Antropologia Social e Professor Adjunto do Dep. de Antropologia (UFRGS).

recrutados para jogar preferencialmente no ataque - donde se espera certas atitudes mais ousadas, à diferença da defesa, treinada para oferecer segurança - não reproduziria certas convicções firmadas a mais tempo? Afinal, a força que impele os afro-descendentes ao ataque não é, ao menos em parte, de ordem simbólica, e vigente a mais tempo de que se supõe à primeira vista? Não será também por uma questão estética que os europeus buscam atletas nascidos para além dos seus territórios, fartos com a própria performance? Para além do preconceito, não haveria também uma admiração pelos negros? E neste caso, qual o dispositivo a partir do qual o futebol de espetáculo logrou a proeza de conciliar admiração e preconceito em relação aos negros?

Estas questões não são do tipo que se responde de uma só vez. Em primeiro lugar seria preciso provar que, de fato, há uma tendência de dispor os afro-descendentes no ataque, e depois reconstituir uma espécie de história social desta tendência classificatória, o que exigia extrapolar os centros de treinamentos. Fiz um esforço considerável, ainda por ocasião da tese, para mostrar que quando se separa, por nacionalidade, os jogadores não pertencentes à comunidade europeia e que atuam nos 5 principais campeonatos do continente, distribuindo-os segundo a divisão social do trabalho clássica do futebol – defesa, meio-campo e ataque –, há diferenças bastante sugestivas, como é o caso de uma curva ascendente para os jogadores da África sub-equatorialiana (DAMO, 2005:309-12). Ou seja: à diferença dos argentinos – e mesmo dos brasileiros – cujo traçado é praticamente constante, indicando não haver predileção por posições na escolha desses atletas, ganeses, nigerianos e camaroneses são recrutados para atacar, daí porque a curva é ascendente. Olhando-se com cuidado para os capitais futebolísticos sugeridos nos livros didáticos, que orientam os formadores de atletas, percebe-se que há uma nítida tendência de atribuir aos atacantes atitudes físicas, cognitivas e emocionais muito mais próximas da natureza do que da cultura/civilização. Enfim, a hipótese de que há uma orientação valorativa na contratação de estrangeiros, sejam eles profissionais formados ou em formação, é clara e converge com certos pressupostos mais alargados atinentes à noção de pessoa, que orienta inclusive a divisão social do trabalho no futebol de espetáculo.

Claro que estes desdobramentos precisam ser tratados com cuidado, sob o risco de se forjar conclusões apressadas e, por extensão, equivocadas, deixando de avançar sobre um terreno que pode nos revelar aspectos que vão bem além do universo do futebol. Uma história social acerca das disposições étnicas, raciais e nacionais atribuídas aos futebolistas poderia trazer mais subsídios à interpretação das tendências acima descritas. Os estilos de jogo, por exemplo, que são invenções de cronistas, intelectuais e torcedores, estão distantes da

positividade que por vezes lhes são atribuídas. E isto vale para o caso do futebol-arte, tido como sinônimo, pelo menos entre nós, de brasilidade.

Na Bibliothèque de France, em Paris, foi possível localizar o texto completo de Gabriel Hanot, cujo fragmento havia sido citado em nota por Leite Lopes. Nessa busca um tanto preciosista, talvez, acabei me envolvendo com a cobertura da Copa do Mundo de 1938. Seleccionai os periódicos de maior tiragem à época – *Petit Parisien* e *Paris-Soir* –, com o tablóide especializado *L’Auto* (que mais tarde daria origem ao jornal *L’Équipe*, um dos mais conceituados da Europa em matéria esportiva na atualidade) e o semanário, também especializado, *Le Miroir des Sports*. Desses periódicos micro-filmados selecionei, sobretudo, a cobertura dada à seleção brasileira, desde sua chegada, em 17 de maio, até sua despedida, em 23 de junho. A possibilidade de resgatar a maneira como “eles” descreveram os brasileiros me pareceu desde logo muito fértil, pois acrescenta algo inédito às diversas publicações de que dispomos, seja sobre a Copa de 38 em geral, a apropriação getulista deste evento, a mobilização dos intelectuais, dentre os quais destaca-se Gilberto Freyre, com sua célebre afirmação acerca do barroquismo do estilo brasileiro.¹ Não haveria como esgotar este material num único paper, muito menos no espaço disponibilizado para esta publicação. O que segue são fragmentos de um texto mais amplo e devidamente documentado, que deverá vir a público oportunamente, no qual reconstituo a trajetória da seleção brasileira em solo francês a partir dos repórteres, cronistas, comentaristas, fotógrafos e outros mediadores locais.

2. A incógnita sul-americana

A Copa do Mundo de 1938 é uma das mais interessantes a ser revisitada. Em primeiro lugar, pelo fato dela ter ocorrido a um ano da eclosão da II Guerra Mundial. Não é que a Copa, em si mesma, tenha produzido desdobramentos, de qualquer espécie, que acabassem influenciando no conflito, cuja eclosão era esperada, se observadas as reportagens da época. Todavia, a Copa de 38, realizada na França, tal qual a de 34, organizada por Mussolini na Itália, ambas vencidas pelos italianos, com a bênção do “Duce”, assim como as Olimpíadas de Berlin, realizadas em 1936, constituíram momentos propícios à veiculação da propaganda nazi-fascista (VASSORT, 1999).

A presença do “Estado-maior” brasileiro, como noticiada nos jornais franceses, é digna de comentário (NEGREIROS, 1998). Augusto Capanema, ministro da educação, enviou

¹ Sobre a construção do estilo de jogo brasileiro, o futebol-arte, cf. Leite Lopes (1998; 1999) e Leite Lopes e Faguer (1994). Cf. também Archetti (1998), Guedes (2000; 2002), Soares (2001) e Lovisolato e Soares (2003).

vários telegramas, tal qual Alzira Vargas, a filha mais velha do presidente, “rainha da seleção”. Souza Dantas, o embaixador, assistiu aos jogos em Strasbourg e Bordeaux. A visitação ao Túmulo do Soldado Desconhecido, realizada antes da partida à Strasbourg, foi estampada em foto pelo Paris-Soir alguns dias mais tarde.² Na foto os jogadores aparecem contornando o monumento, rigorosamente uniformizados e em fila, como se fossem um batalhão do exército.

“Voici les brésiliens: avec leur café et leurs guitares” é a manchete do Petit Parisien, no dia 17 de maio, um dia após o desembarque dos brasileiros em Paris. O título não é depreciativo, evidentemente, mas o destaque dado aos violões e ao café indicam certo desdém em relação às possibilidades futebolísticas. Nem poderia ser diferente, afinal a participação do Brasil na Copa de 34, desclassificado no primeiro jogo, perdido para a Espanha por 3 a 1, não deixou boa impressão – diria que sequer deixou alguma impressão. Seja como for os franceses reconhecem desde logo Domingos Da Guia, “le fameux arrière noir”, e Leônidas da Silva, “le merveilleux avant centre connu sous le nom de “Diamant Noir””.³ Domingos da Guia, teve, inclusive, uma foto-retrato, publicada pelo jornal esportivo L’Auto. Na legenda da foto uma descrição minuciosa dos traços físicos do zagueiro, cuja curiosidade se deve tanto a cor da pele quanto ao fato de ser cobiçado pelos principais clubes da América do Sul. Talvez fosse justamente esta inusitada relação – sucesso esportivo, altos salários, cobiça, mulatismo – que despertasse tamanho interesse.

Une étrange personnalité... .. dans ce masque aux traits finement burinés. Le front est haut sous la crinière crêpelée. Le nez, aux ailes palpitantes, évoque la passion. Mais les yeux en amande ont une expression d’astuce. Les lèvres ourlées sur un demi-sourire décèlent, comme la mâchoire lourde et le menton abrupt, énergie calculée et volonté froide.⁴

Do ponto de vista estritamente futebolístico, os brasileiros foram recebidos como uma incógnita. “L’Italie est favorite... les Hongrois outsiders... et les Brésil est l’inconnue”, foi a manchete do Paris-Soir, dois dias antes da competição. Na mesma página pode-se ler ainda os prognósticos do comentarista Trello Abegglen, prevendo, acertadamente, uma final entre Itália e Hungria, e suspeitando das possibilidades brasileiras. Não seria surpresa, segundo ele, se os brasileiros fizessem contra a Polônia seu único jogo na Copa.⁵ As declarações de Patesko,⁶ informando que no Brasil o WM havia fracassado, e de que a seleção continuava jogando com 3 linhas - 5 atacantes, 3 médios e 2 defensores -, era um indício de que os

² Paris-Soir, 26 de maio, p. A.

³ Petit Parisien, 18 de maio, p. 6.

⁴ L’Auto, 20 de maio, p. 1.

⁵ Paris-Soir, 3 de junho, p. 8A.

⁶ Paris-Soir, 19 de maio, p.8.

brasileiros não haviam assimilado as novas perspectivas do jogo. O WM, para que fique bem claro, não é apenas mais desses “esquemas táticos” ou “esquemas de jogo”, discutidos em toda a parte à exaustão. O WM está na base de todos esses esquemas ou, preferindo-se dar-lhe um tratamento mais distante da linguagem nativa, o WM é a técnica coletiva que está na origem do esquadramento dos espaços e dos tempos do jogo. Ignorar ou, como era o caso dos brasileiros, desdenhar este princípio, implicava fazer pouco caso do senso de racionalidade que se tornara a tônica do futebol de espetáculo.⁷

3. Os malabaristas

A estreia dos brasileiros contra os poloneses foi espetacular. Tanto no Brasil quanto em Strasbourg os torcedores experimentaram as sensações próprias ao gênero trágico: um empate em 4 a 4 no tempo normal, depois do Brasil ter vencido a primeira etapa por 3 a 1, quando ainda não chovia, e uma vitória dramática por 2 a 1 na prorrogação, jogada em campo encharcado. O “énigme brésiliene”, nas palavras de Mario Brun, o enviado especial do jornal *Petit Parisien*, acabara de se revelar ao público francês. Se o jogo tivesse sido realizado com o campo seco, Mario Brun crê que os brasileiros não teriam tido maiores dificuldades. Apesar das falhas de Domingos da Guia, referido como “le fameux arrière noir/nègre”, que jogara com febre alta, os brasileiros haviam impressionado pela habilidade individual e pela impetuosidade do seu ataque, com destaque para “le félin noir”, Leônidas da Silva, cuja capacidade de improviso e, sobretudo, objetividade no ataque, confirmava as expectativas. “Grands artistes et parfaits techniciens” dizia uma das manchetes do *Petit Parisien* acerca dos brasileiros, retratando o que parece ser um consenso entre os jornalistas.⁸

Mas de um time que sofre 5 gols dos poloneses não é de se esperar que sejam feitos apenas elogios, claro que não. As acusações não recaem apenas sobre Domingos, ele próprio admitindo nos dias seguintes não ter realizado uma boa performance, mas na defesa como um todo. Mais do que isso, trata-se de uma equipe tida como afeita ao ataque sem cessar, embora por vezes o faça de maneira desordenada, com muitos passes laterais e sem objetividade, à exceção de Leônidas. A defesa é vista como um ponto frágil da seleção brasileira, e a individualidade, preponderando sobre o trabalho de equipe, um problema que mais cedo ou

⁷ “Da gestão do espaço e do tempo, surgiram as formas/padrões de jogo referidas como o “3-4-3”, o “4-2-4”, o “4-3-3”, o “3-5-2” e outras variações possíveis, porém limitadas. Tais formas/padrões nada são além de estratégias de ocupação dos espaços e fazem parte da cultura futebolística - os profissionais usam, seguidamente, o termo “cultura tática” para referirem o domínio prático ou discursivo dessa modalidade de dispositivo. (DAMO, 2005, p. 287). Cf. tb. Toledo (2002).

⁸ *Petit Parisien*, 7 de junho, p. 6.

mais tarde comprometeria sua performance. Não por acaso o jornal *Le Miroir des Sports* apresenta como manchete do dia seguinte: “Les brésiliens, vainqueurs des polonais, sont des jongleurs de balle plus que des équi-piers”.⁹

A cobertura do *Le Miroir* é mais caustica em relação aos brasileiros, com termos que nos dias atuais gerariam acusações de racismo. Se o fato de que as constantes referências a cor da pele de Leônidas e Domingos da Guia podem ser desculpadas de racismo, dado que noutros casos também é freqüente destacar a cor da pele de jogadores brancos (“le blond Patesko”, por exemplo), a passagem acima é bem mais incisiva a este respeito. “Diabo preto”, “acrobata”, “dado a fazer piruetas”, “plantar bananeira”, “saltar como carpa”, entre outros, são termos de gosto no mínimo duvidoso. Todavia, acusar o jornal de racista é um atalho sem grande valia. Me interessa, por hora, destacar um aspecto mais sutil desta passagem, cuja recorrência notável nos oferece uma interpretação segura, e reveladora, acerca do entendimento dos franceses à respeito dos brasileiros. Os brasileiros jogam um futebol puro, “intuitif plutôt que savant”, escreve o jornalista. Esta consideração a meu entender é esclarecedora acerca do entendimento que se tinha à época dos brasileiros, e interessa-me sobremaneira, pois creio que ela permanece em grande medida atual.

O jornal *L’Auto*, por exemplo, volta a falar dos brasileiros à véspera do jogo contra a Tchecoslováquia, classificando-os como românticos.

Chez les brésiliens, tout n’est qu’inspiration, création d’imprévu. Chez les tchécoslovaques, c’est le système qui est ça honneur, le développement rationnel, prévu, mathématique des manoeuvres d’ensemble. Au romantisme des sud-américains qui bousculent les vieilles traditions britanniques de l’impersonnalité et les remplacent par la glorification des individus, s’opposera donc le classicisme des tchécoslovaques [...].¹⁰

A sorte dos brasileiros no que concerne à classificação de seu estilo de jogo parecia consolidada. Usando-se como horizonte a oposição natureza/cultura, polêmica mas muito útil em certas circunstâncias, não há dúvidas de que os brasileiros são sempre aproximados da natureza quando comparados aos europeus, mesmo que seja com os tchecos, que os franceses fazem questão de frisar, vez por outra, pertencerem à Europa Central – tal qual os poloneses, romenos, húngaros, etc. Alguém dirá que o jornal afirma ser o romantismo dos brasileiros de ancestral inglês e, como tal, europeu. Mas não custa observar que se trata de “vieilles traditions”, algo ultrapassado, portanto. Severo com os brasileiros, os jornais seriam sarcásticos com os cubanos, cuja vitória frente à Romênia na estréia foi considerada uma surpresa geral. Os cubanos, diz *L’Auto* à véspera do jogo subsequente, “[...] il ne s’agissait

⁹ *Le Miroir des Sports*, 8 de junho.

¹⁰ *L’Auto*, 11 de junho, p. 6)

même pas de romantisme. On les croyait plutôt des primitifs, pour ne pas dire des primaires”.¹¹

“Cubains... Brésiliens... será-ce demain le triomphe du football improvise?”, eis a manchete do jornal L’Auto na véspera da segunda rodada, na qual Cuba foi massacrada pela Suécia, 8 a 0, e o Brasil empatou em 1 a 1 com a Tchecoslováquia. Procópio foi expulso aos 12 min do primeiro tempo, por uma entrada desleal, e Machado pouco antes do intervalo, neste caso por causa de uma rusga com um tcheco, que também foi expulso. A arbitragem parece mesmo ter sido catastrófica, pois os jornais afirmam que o gol de Leônidas, ainda no primeiro tempo, fora em impedimento, e o empate ocorrera em pênalti inexistente. Mario Brun, do Petit Parisien, que havia considerado a defesa brasileira pouco confiável contra a Polônia, desta vez rende-lhe elogios, Domingos da Guia incluso.

Com o jogo empatado ao cabo da prorrogação, as regras indicavam a necessidade de realizar uma nova partida no dia seguinte, na segunda-feira, portanto. Ali o Brasil começaria a perder aquela Copa, segundo alguns analistas. Ocorre que o vencedor desta disputa teria que viajar de trem à Marseille, quase um dia inteiro, para a disputa a ser realizada na quinta-feira, contra a temida Itália, que derrotara a França por 3 a 1 nas oitavas-de-final. A comissão técnica brasileira tomou uma decisão arrojada: na segunda, ao meio dia, embarcou o time titular com destino à Marseille, exceto o goleiro Walter e o centroavante Leônidas, e no fim da tarde colocou os reservas para jogar contra a Tchecoslováquia. A estratégia foi bem sucedida, pois os tchecos sucumbiram ao cansaço no segundo tempo, e o Brasil não teve maiores dificuldades para reverter o placar de 1 a 0 da primeira parte do jogo, vencendo por 2 a 1 quando poderia ter goleado. O problema é que Leônidas, já combalido pelos pontapés de domingo, se exaurira na segunda, e não teria as melhores condições para enfrentar a Itália na quinta, sendo então preterido por Ademar Pimenta – ou poupado para a final?

4. A confirmação dos prognósticos e do estigma

Os enviados especiais à Marseille pouco divergem a respeito do que foi o jogo. Um primeiro tempo sofrível, com empate sem gols. Os italianos voltaram melhor no segundo tempo e em menos de 15 minutos haviam feito dois gols, o segundo em pênalti de Domingos da Guia (de novo ele!) sobre Piola fora do lance de jogo - tido por todos, exceto os italianos, como um pênalti equivocado. Romeu descontou para o Brasil a 3 minutos do final, quando a

¹¹ L’Auto, 11 de junho, p. 6.

derrota estava consumada. Depois do jogo o técnico da Itália, Vittorio Pozzo, declarou que o jogo havia sucedido conforme suas expectativas, e os repórteres seguiram suas impressões. Já durante a vigem de retorno à Paris, na mesma noite de quinta-feira, o *comandante* Pozzo diria que o primeiro tempo acabara empatado porque a Itália fora cautelosa, estudando o adversário. As equipes se temiam mutuamente, dissera Pozzo, o que não deixa de ser uma confissão contrastante não apenas com as bravatas ditas depois do jogo senão que com a própria avaliação que fizera das qualidades brasileiras. Falando para o repórter Mário Brun acerca das razões pelas quais o jogo havia mudado tão radicalmente depois do intervalo Pozzo não mede as palavras.

[...] Ils jouent avec leurs moyens naturels, qui sont grands, sans aucune méthode... Ils ont besoin d'être éduqués, dirigés... Ils ont comme la plupart des sud-américains, tort à apprendre du jeu collectif... Les brésiliens ont besoin de beaucoup de conseils... Ils ont commis contre nous des erreurs colossales.¹²

[...] Les brésiliens sont des primitifs em football... Ils jouent avec leus moyens naturels, qui sont grands, sans aucune methode... Ils ont, comme la plupart des Sud-Americaines, tout à apprendre du jeu collectif.¹³

Os brasileiros reclamaram muito da arbitragem, tanto do pênalti que resultou no gol da Itália quanto de um lance em que Patesko teria sido derrubado na área italiana. Também lastimaram o fato de não poder contar com Leônidas, debilitado pelo esforço em Bordeaux, até então a sensação da copa. O comentarista Pefferkorn sugeriu que os brasileiros teriam mudado sua tática de jogo, em reconhecimento, talvez, de que as firulas apresentadas em outros jogos seriam ineficazes diante dos italianos. A excessiva troca de passes, não raro laterais e transversais, sempre curtos e rente ao solo, tornaram o ataque muito lento, permitindo o bom posicionamento da equipe italiana. “Et nous nous demandons, escreve Pefferkorn, s’il faut appeler leur manière autrement que de la mollesse”.¹⁴ As adjetivações de Pefferkorn são quase sempre pejorativas, repreendendo os brasileiros, mas nesta ocasião ele é acompanhado por Charles Coutelier, do *Paris-Soir*, que também sugere certa “preguiça” na maneira de jogar dos Brasileiros: “Les joueurs reçoivent la balle et s’arrêtent. Ils paraissent tous pris d’une mollesse qui étonne vraiment. Ils ont bien des accès d’activité, mais pour retomber dans la torpeur, du moins dans la ligne d’attaque, car la défense est exemple de tout reproche.”¹⁵

Derrotados, os brasileiros retornaram à Bordeaux para a disputa do 3º lugar, tendo vencido a Suécia por 4 a 2. Apesar de muitos gols, o jogo é descrito como aquém do esperado.

¹²“Les brésiliens sont des footballeurs primitives”, *Petit Parisien*, 18 de junho, p. 6.

¹³ *Petit Parisien*, 18 de junho, p. 6.

¹⁴ *L’Auto*, 17 de junho, p.6.

¹⁵ “Plus de fantaisie...”, *Paris-Soir*, 18 de junho, p. 10 A.

Afora as investidas de Leônidas, “le petit phénomène noir”, o jogo não teve vivacidade. A Itália, sem maiores dificuldades, fez 4 a 2 na Hungria. Os jornais parisienses não pouparam elogios à conquista, e até o técnico derrotado julgou justa a vitória italiana. Segundo Mário Brun, a Itália apresentou-se tendo o domínio dos fundamentos do futebol, razão pela qual o título foi a recompensa esperada.

O selecionado brasileiro, único representante da América do Sul, despertou o interesse dos jornalistas e do público desde sua chegada, a um mês do início da competição. A performance dos futebolistas, eliminados nas semi-finais, conquistou o apreço do público e muitos comentários não apenas sobre o desempenho dos atletas, mas também acerca da índole e do caráter dos brasileiros em geral. Como a Copa de 38 está na gênese da idéia de que temos um estilo de jogo próprio - o “estilo brasileiro” ou o “futebol-arte” - é importante recuperar o modo como os “outros” nos viram, matizando tais impressões com as crônicas publicadas nos jornais brasileiros da época, cuja bibliografia a respeito é relativamente extensa. Ver-se-á que o predicado de “arte/artístico”, atribuído ao estilo brasileiro, é permeado de ambivalências, por vezes tido como sinônimo de atraso em relação à forma de jogar e, por extensão, de pensar, dos europeus.

Referências Bibliográficas

ARCHETTI, Eduardo. “El potrero y el pibe. Território y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino”. In: *Nueva Sociedad*, Caracas, nº 154, mar/abr, 1998, p. 101-19.

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS/PPGAS, 2005. <Disponível em: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/Bibliotecadigital>>.

GUEDES, Simoni. “Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis” In: GOMES, Laura e DRUMMOND, José. *O Brasil não é para principiantes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 126-42.

_____. “De Criollos e Capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil”. Exposição realizada no *XXVI Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu (MG), 22 a 26 de outubro de 2002.

LEITE LOPES, José S. “Fútbol y classes populares en Brasil. Color, clase e identidad a través del deporte”. In: *Nueva Sociedad*. Venezuela, nº 154, mar-abr, 1998, p. 124-46.

_____. “Les origines du jeu à la Brésilienne”. In: HÉLAL, Henri e MIGNON, Patrick (orgs). *Football, jeu et société*. Les cahiers de L’INSEP, nº 25, 1999, p. 65-84.

LEITE LOPES, J. Sérgio e FAGUER, Jean Pierre (1994). “L’invention du style brésilien. In: Actes de la Recherche en Sciences Sociales. N° 103, p. 27-35.

NEGREIROS, Plínio. “O futebol e identidade nacional: o caso da Copa de 1938”. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 3, n° 10, maio 1998. <Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd10/copa38.htm>>

SOARES, Antônio Jorge. “História e a invenção de tradições no futebol brasileiro”. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antônio e LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 77-99.

SOARES, Jorge A. e Lovisololo, Hugo.”Futebol: a construção histórica do estilo nacional”. In: *Revista do Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*, vol. 25, n. 1, set. 2003.

TOLEDO, L. Henrique. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

VASSORT, Patrick. *Football et politique*. Paris: Les Éditions de la Passion, 1999.